

QUESTÃO DA IDENTIDADE

Ir. Paulo Dullius, fsc

1. **ESTRUTURAÇÃO DA PERSONALIDADE E FORMAS DE APRENDIZAGEM:** indicação, identificação, imitação...

Cada qual tem sua realidade e com ela lê a realidade. Para compreender algo de nós, sobretudo pela forma com a qual chegamos a ser o que somos, podemos olhar formas de aprendizagem, as quais nos podem ajudar, pois se aplicam a nós e aos outros, inclusive aos que nos precederam, às culturas... Muitas coisas dependem do processo educativo. Desde cedo fomos ensinados a julgar e fomos comparados e também comparamos e julgamos. Melhor ou pior, acima e abaixo, mais e menos, bem e mal, elogio e repreensão, sucesso e insucesso, tudo isso são comparações. Para pensar em nós mesmos, somos condenados a confrontar-nos com outros seres humanos, com as suas qualidades, com as suas virtudes, com sua beleza, a sua inteligência, seus méritos. Em qualquer forma de avaliação sempre existe 'alguém' que constitui a nossa medida, que no confronto se coloca no centro de nosso ser. Queremos ser melhores, superiores, mais apreciados. Não há limite para este impulso. Por isso nunca terminam os confrontos, os julgamentos. Esta comparação e julgamento tem uma relação direta com nossa autoestima e nosso sentimento de valor.

Podemos dizer que muitas coisas sobre nós mesmos as aprendemos. Nesta aprendizagem entra a liberdade efetiva. Aprendemos por vários processos: Indicação, identificação, imitação, elaboração pessoal.

Indicação

As pessoas recorrem bastante à indicação para fazer passar seu parecer, seu desejo, seus valores. Passamos a vida, sobretudo nos primeiros anos, recebendo indicações sobre como ser e como não ser, sobre como agir ou não agir, sobre as crenças a assumir, a socialização a internalizar, os relacionamentos a cultivar e evitar. Este processo tem como pano de fundo a cultura, os valores, os modelos identificatórios. De alguma forma, os processos morais são uma forte maneira de indicação. Cada um de nós passa também boa parte da vida indicando. E é impossível não usar o processo de indicação. As motivações para as indicações podem ser bastante justificáveis, podem obedecer a uma intencionalidade positiva, mas também envolvem o complexo pessoal e cultural nem sempre fácil de compreender e justificar. Há uma diversidade grande de maneiras de indicar.

Identificação

Alguns modelos de identificação nos são mais propostos e outros mais 'impostos'. Além disso, cada qual procura estes modelos identificatórios. Eles indicam um caminho 'idealizado' de ser, agir, conviver e outras tantas variáveis. A tendência de

escolha dos modelos tem alguma relação com a autoestima, com a história pessoal, com os sucessos e fracassos, com os ideais do grupo e das pessoas. Depende também do sucesso social dos mesmos modelos. Tendemos a procurar modelos que nos realizam mais como pessoas, que garantam a autoestima e o prestígio. Em geral os modelos dependem de três variáveis: prestígio social, recursos econômicos e exercício do poder. Evidentemente há situações nas quais os modelos são escolhidos como reflexo de frustrações, de agressividades e resistências sociais. Em épocas de instabilidade social ou de fragilização das lideranças há uma proporcional busca de indivíduos e de grupos identificatórios. As instabilidades sociais criam

Imitação ou desejo mimético

A imitação como processo de aprendizagem tem sido mais aprofundado por René Girard. Imitamos rituais, processos socializantes, inclusive seguimos os rituais de agressividade, de busca de bodes expiatórios nos quais se projetam as dificuldades e as causas das dificuldades. O desejo mimético (o desejo de ter o bem do outro) é inerente à natureza humana. Os homens desejam o bem e o ser do próximo invariavelmente, o que terminará por gerar a rivalidade mimética. O detentor do bem quererá defendê-lo mas, ao mesmo tempo, estimulará o desejo do outro pois bem desejado por outros potencializa o valor do mesmo. Quando um irromper com um gesto violento, o outro imediatamente revidará também por impulso mimético e assim se iniciará um rosário interminável de represálias que somente terminará com o sacrifício de uma vítima expiatória que trará de volta a paz à sociedade. A concorrência, a competição – mesmo entre instituições religiosas – tendem a encontrar áreas frágeis e processos transferenciais que levam a enumerar causas, situações, pessoas que – uma vez eliminadas – devem reintroduzir processos de paz e de prosperidade. A dinâmica do ‘bode expiatório’ pode bloquear algum aprendizado da história mais ampla. Dentro de tudo isso a pessoa vai elaborando a sua personalidade dinâmica.

Elaboração pessoal

Precisamos também reconhecer o valor da capacidade pessoal no uso da liberdade e responsabilidade para construir a própria identidade. Isso quer valorizar o não-determinismo, e manter certa autonomia. Para tal elaboração pessoal entram muitos fatores, nem sempre fáceis de identificar em alguns detalhes, ainda que se possa ter alguma ideia geral olhando a realidade passada. A particularidade depende da elaboração, da força do eu, dos valores, dos ideais, da cultura, dos recursos, da realidade familiar, das oportunidades havidas, do contexto atual e do contexto ao longo da vida até o presente momento. Com a solidificação de uma certa identidade, a dependência de indicações, identificações e imitações vai sendo um tanto relativizada. A pessoa tem seus critérios para decidir e se autodefinir. Com esta sua identidade interpreta os fatos, estabelece a forma de se situar no mundo e também lê o passado. Este cabedal que vem do passado se transforma numa predisposição para agir. Paul Ricoeur fala de *precompreensão*¹. As mudanças que ela vai introduzindo em si, permitem leituras e

¹ Grande parte da Antropologia Filosófica de Henrique de Lima Vaz, em “Antropologia Filosófica” está feita numa perspectiva de precompreensão.

interpretações cada vez diferentes do passado. O acesso a uma maior quantidade e qualidade de dados do passado, do presente e do futuro facilitam maior objetividade. Esta mesma diversidade se aplica aos conteúdos e processos culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos: todos eles aumentam a possibilidade de elaborações pessoais mais saudáveis e objetivas.

2. IDENTIDADE

A questão da identidade é fundamental na vida humana. Hoje se fala muito dela e isso pode indicar alguma dificuldade para a questão. Em sociedades mais simples, bem hierarquizadas quanto à autoridade e os papéis sociais, com papéis definidos para os os gêneros – masculino e feminino - , com certa fixidez de rituais e de tabus e costumes sociais... nestas sociedades a questão da identidade é pouco significativa. Mas estamos vivendo numa sociedade na qual há mudanças em muitos campos sociais, inclusive mobilidade geográfica, muita mudança dos papéis sociais e profissionais... E isso reintroduziu o tema da identidade. Hoje entrou também bastante a questão da mudança e já não se pode falar de uma identidade mais fixa e definida. Além de considerar a história pessoal e grupal, precisamos considerar as constantes interferências das circunstâncias direta ou indiretamente envolvidas. Estas interferências mudam os parâmetros dos valores e dos referenciais e, portanto, da identidade. Hoje a identidade está em constante mudança e se precisa abandonar uma visão mais estável e definida.

Erikson estudou e estruturou o desenvolvimento humano a partir de focos positivos e negativos. Dentro de seus oito estágios, colocou o quinto como o da identidade versus confusão de papel. Mas, falando mais rigorosamente. Existe uma identidade em qualquer etapa e momento da vida e não apenas na adolescência. Erikson se refere mais à identidade do que a integração da diferença, mais na autonomia do que na interação.

No entanto, o tema da identidade é importante para ter aspectos comuns e permitirem o senso de pertença. Um carisma, uma espiritualidade, um clube, uma agremiação... procuram dar mais atenção à semelhança e formar uma espécie de identidade.

- a) - **IDENTIDADE IDEM (mesmidade) – IDENTIDADE IPSE (ipseidade)** – identidade pessoal e identidade social

- **Identidade idem e identidade ipse**

Podemos reconhecer que somos os mesmos em toda a nossa história, mas também constatamos que mudamos. Algumas vezes esta mudança é bem acentuada. Na dimensão física pode-se ver mais facilmente a continuidade. O mesmo se pode dizer de aspectos psíquicos. Em geral se nota muita diferença na dimensão espiritual ao longo do tempo. Em tudo o que se refere a nós somos a mesma pessoa, olhando-a desde a concepção até hoje. A ideia de identidade está centrada na constatação de ser

a si mesmo. Temos uma especificidade biológica, histórica e caminhamos para certa autonomia. Quando pessoas têm pouca autonomia e dependem demais do externo e de outros, dizemos que tem fraca identidade.

Assim, precisamos valorizar os aspectos que permanecem e os que mudam. Para se continuar a falar em boa identidade, as mudanças precisam ser assimiladas no conjunto da pessoa. Se as pessoas dependem demais de outros, sua identidade carece de uma sólida continuidade. Alguns aspectos da continuidade independem de escolhas próprias. São os aspectos hereditários, genéticos, familiares, culturais, étnicos, econômicos, sociais que nos foram 'entregues' através de nosso nascimento e não tivemos grande chance de escolher. Muitas mudanças no tempo obedecem a esta questão. Acentuam-se os aspectos de semelhança com o passado. Paul Ricoeur chama a esta dimensão de *identidade idem*.

Mas somos nós aqueles que encontramos oportunidades na vida que nos são impostas e outros escolhidos, como escolas, deslocamentos geográficos, encontro com pessoas, com grupos... e tudo isso fará parte de nós pois as elaboramos, interpretamos e assimilamos a nós. Com o tempo nossa responsabilidade cresce e podemos utilizar nossa liberdade para tomar decisões e compromissos que nos ligam do passado ao hoje. Ligamos liberdade e responsabilidade como uma de nossas responsabilidades mais importantes. Podemos prometer fidelidade, apesar das mudanças. Este aspecto é definido por Ricoeur como *identidade ipse*. Como depende muito da pessoa decidir manter uma continuidade definida numa época anterior, ela faz estas opções dentro de suas condições pessoais de estrutura pessoal e dentro das situações sociais. Desta interação entre estrutura pessoal e situações sociais decorre uma compreensão ou prognóstico de fidelidade. A capacidade de fidelidade a uma promessa faz parte da estrutura ontológica. Isso explica o desejo manifesto de compromissos, de promessas, de votos... e a reação negativa frente a traições, infidelidades. A traição é uma violação da identidade pessoal e grupal, especialmente na dimensão de identidade ipse. Desta forma, promessas passageiras que envolvem o projeto de vida de uma pessoa são difíceis de explicar de uma forma convincente.

Pode ser que haja certa semelhança na linha do tempo entre as primeiras experiências da identidade idem e o que segue no tempo, e a identidade ipse. Mas pode também haver a possibilidade de diferenciar bastante a ambas identidades, sobretudo quando há muitas 'lacunas' humanas na identidade idem. De alguma forma a identidade ipse precisa ser bem pensada para reequilibrar uma saudável estrutura humana.

- ***Identidade pessoal e identidade social*** – Senso de pertença

Podemos completar este aspecto recordando que há uma identidade pessoal e uma identidade social. Sobre a identidade social tem-se refletido menos. Todos precisamos garantir a fidelidade a nós mesmos e não delegar algo importante aos demais. Por mais interessante que seja um projeto assumido, se a pessoa foge dela mesma, não poderá encontrar profunda e duradoura paz. Mas a identidade é também contextual, incluindo aspectos de outros e das circunstâncias. A linha divisória que garante a identidade pessoal e aquela que mostra uma identidade fragmentária, esta linha é

muito variável, mas tem seu limite. Também dependemos do grupo. Este pode reforçar nossa identidade, nossos ideais e nossas aspirações e valores. E podemos explicitar mais ou explicitar menos nosso compromisso com diversos grupos. A pertença a grupos identitários é importante, sobretudo se há grande sintonia entre a pessoa e os grupos por semelhança de valores, de ideais e formas de viver. Uma boa identidade pessoal é beneficiada com boa filiação em grupos semelhantes. Quando as pessoas estão muito frágeis e de fraca identidade, tendem a procurar grupos que compensem o que lhes falte e lhes garanta segurança, prestígio e estrutura saudável e poder. Tais pessoas precisam muito da estrutura e da identidade social. Contudo, é importante desenvolver um sadio senso de pertença para termos uma vida saudável e evangélica.

b) – QUESTÃO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

Uma das características humanas consiste na capacidade de manter dados vividos. Para tal serve-se da memória e da história. Enquanto vivas as pessoas, elas são testemunho dos fatos; após sua morte, estes dados passam a fazer parte da história. A história e a memória permitem manter a continuidade e preservação daquilo que foi vivido. Vive-se quanto conhecemos e compreendemos da história, podendo ser centenas de anos ou – no caso de uma alienação – mesmo tendo 50 anos, podemos viver 20 anos. Os métodos desta conservação podem ser mais na forma oral – narrativas -, por costumes, arte (música e obras de arte), culturas, crenças, processos educacionais e iniciáticos; também se conserva a história através da escrita e narrativas de fatos ou ficções.

- **Identidade e diferença** – mito da igualdade e da diferença

A história de um povo tem algumas características específicas com as quais as pessoas se identificam. Estão presentes na língua, nos costumes e papéis ligados à família, ao gênero, à educação, aos processos de comunicação e ordem moral e cultural. Há também semelhanças circunstanciais que desencadeiam igualdade, como em momentos especiais tais como guerras, intempéries, vitórias... Nestas horas se omitem as diferenças e se criam laços a partir das semelhanças.

Todos nós agimos tendo presente a identidade consigo e com outros, mas também a diferença. Todos querem ser a um tempo iguais e diferentes. A igualdade obedece ao movimento de união que é uma força permanente. Contudo, o processo de crescimento requer diferença. A exagerada diferença pode provocar inveja e rejeição; a exagerada igualdade é uma força passiva, portanto, contrária à realidade humana. As sociedades primitivas ressaltavam mais as diferenças e valorizavam os heróis. Esta valorização – prestígio – garantia a autoestima daquele que se destacava. As religiões defendem bastante a igualdade, a ‘fraternidade’, a ‘irmandade’, e tendem a criticar as diferenças.

As grandes diferenças criaram revoluções sociais, mas todos de alguma forma desejam ter privilégios próprios. Historicamente as sociedades aceitaram ‘passivamente’ privilégios para líderes religiosos e líderes políticos.

- Memória - esquecimento – reconhecimento

A capacidade de memória é importante pois permite manter o processo histórico-dialético em relação ao acontecido. Uma avaliação crítica da história permite destacar as principais características humanas e também abre a possibilidade de evitar erros históricos, mas preservar os acertos que a humanidade realizou. Muitas memórias já não existem porque foram destruídas por guerras, por destruição das memórias expressas na arte, na cultura, na escrita. Algumas delas podem ser recuperadas com metodologias adequadas. Muitas causas terminam com decisões judiciais, onde tudo tem seu processo e uma conclusão por parte do juiz que dá uma ‘sentença’ a favor ou contra. Para o historiador de profissão não tem nunca causa concluída. Sempre se pode retornar, reinterpretar. Muitas memórias podem ser eliminadas pelo deslocamento geográfico, pelos processos repressivos usados com as pessoas do ponto de vista psíquico como moral. O esquecimento faz parte da memória. Se não fosse assim não seria recuperável.

A memória pessoal é importante para conhecer a si como tendência a agir, como sistema de valores, de desejos e como potencialidade para agir, como uso de uma liberdade efetiva significativa. “Quem não conhece a história – a própria, dos outros, da cultura – está condenado a repeti-la”. Todos podemos melhorar o acesso à nossa história e isso possibilita maior sentido à vida.

- Abusos da memória

Paul Ricoeur² fala dos abusos de memória e podem estar presentes nas pessoas e nas instituições.

Nível patológico-terapêutico: a memória censurada

A memória pode ser censurada na história das pessoas. As culturas organizam sistemas de censura projetados nos comportamentos desejados, esperados das pessoas. Neste nível falamos de memória ferida e doente. Todo sistema psicanalítico considera este fato como repressão e bloqueio da memória pessoal e dos grupos. Para termos acesso à verdade interior e compreendê-la, a liberação saudável da censura é de grande valor, ainda que faltará uma indicação e decisão por um caminho novo a seguir. Isso nos coloca em contato mais objetivo com os fatos e se pode iniciar um processo de superação dos sofrimentos havidos. A energia voltada ao passado pode ser usada para as necessidades de hoje e do futuro. Precisamos certos sistemas de controle que podem ter como finalidade certa funcionalidade social e pessoal. O processo de recuperar de forma saudável a memória sem censuras negativas é longo, complexo e difícil, mas necessário. Algumas censuras indicam um caminho a seguir; outras bloqueiam o crescimento.

Nível prático: a memória manipulada

² In: Ricoeur, Paul. *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Paris, Éditions du Seuil, 2000, p 99-128 e 632-645 (fazendo a relação entre o esquecimento e a memória censurada, o esquecimento e a memória manipulada e o esquecimento imposto na anistia).

Este nível se constrói muito pela seleção da memória realizada pelos que detêm o poder. É, portanto, uma memória instrumentalizada. “Há *demasiada* memória em certa região do mundo, portanto abuso de memória; e há *não suficiente* memória em outra parte, portanto abuso do esquecimento”³. Quem determina esta diferença, em geral, são aqueles que controlam a informação e têm ou assumem autoridade para tal. Isso não apenas num contexto social, mas também familiar e comunitário. Em situações difíceis socialmente falando - e também pessoalmente -, há uma seleção da memória, sobretudo pelas ideologias e fatos. A identidade de um grupo social e de uma instituição pode depender muito do conteúdo da memória manipulada. Mas, será uma identidade frágil devido ao complexo entre o excesso de memória e a falta de memória, e já não se tem a objetividade desejável.

Na memória manipulada, a ideologia tem papel de destaque. O processo ideológico é opaco em dois sentidos: Ele permanece dissimulado. Diversamente da utopia, é inconfessável; mascara-se transformando-se em denúncia contra os adversários no campo da disputa entre ideologias. Por outro lado, o processo é de extrema complexidade incluindo três níveis operativos: a distorção da realidade, a legitimação do sistema de poder, a integração do mundo comum através de sistemas simbólicos imanentes à ação. À memorização forçada se acrescentam as comemorações convenientes. Estas, em geral, estão voltadas ao passado filtrado. Socialmente muitas sociedades, civilizações iniciaram com um ato de violência fundadora e, portanto, com consequências na memória futura. Muitos valores da ‘oposição’ são negados, destruídos e reprimidos.

Nível ético-político: a memória imposta

Este abuso refere-se ao silêncio que é imposto para alguns, sobretudo àqueles sem voz nem vez e que esperam algum tipo de justiça. Na Anistia aparece esta dinâmica. Por uma força política silencia-se a memória e os fatos como se não houvessem acontecido. Contudo, algo é silenciado que teria o direito de ser considerado. Trata-se de algum tipo de manipulação para garantir uma paz fragilizada. Aquilo que acontece com as pessoas e que é recuperado com intenções positivas dever-se-ia aplicar à realidade institucional. As pessoas precisam superar as artimanhas da transferência, separar-se das situações que as afastam dos objetos de seu amor, e também afastar-se de seu ódio. Há uma ‘tentação’ de aplicar um estilo de ‘anistia’ na realidade humana e religiosa através de ‘esquecimentos’ forçados por deslocamentos geográficos, por ‘não querer mais pensar nisso’, por troca de profissão, por engajamento em grupos extremos opostos nos quais se suscitam emoções fortes contrárias que levam a ‘esquecer’ mágoas precedentes. É uma temeridade pensar que se pode anular o passado. Podemos até esquecer-lo, mas permanecem os efeitos em predisposições para agir, em sentimentos, em preconceitos, em desejos, em facilidades e tendências...

Não é saudável uma instituição forçar o esquecimento ou guardar fatos porque recordam conflitos. De tudo se pode aprender e não há estrutura nem poder que integre plenamente a verdade e o bem.

³ Ricoeur, P. Memória, História, Esquecimento, p 116.

C- IDENTIDADE NARRATIVA⁴

- **O homem como ser capaz de narrar-se**, comunicar-se.

Quando nos encontramos com as pessoas e queremos estabelecer algum tipo de relacionamento, iniciamos narrando algo de nossa vida. Se desejamos uma relação mais significativa, nesta comunicação entra o nome, o que faz, alguns detalhes de sua vida. A narrativa é uma forma de recuperar a história vivida tanto do ponto de vista pessoal quanto institucional. Nós nos reconhecemos na narrativa de nós mesmos. A leitura de textos é muito a leitura de si mesmo. No processo de comunicação da experiência está presente certa incomunicabilidade objetiva, pois a experiência é unitária e na comunicação da mesma fazemos certa fragmentação dela. O mesmo fenômeno sucede na tradução. Podemos fazer-nos entender, mas nunca totalmente. Quanto melhor a comunicação, melhor narrativa se realiza.

Na narrativa histórica precisamos considerar os fatos dos vencedores, dos vencidos, dos que exercem poder e daqueles que não têm rosto. Todos nos narramos, não apenas em palavras, mas em todo processo de comunicação: linguagem corporal, posturas físicas, presenças, ausências, expressões do rosto – sorrir, chorar, movimentos -. A narração inclui todo sistema de empatia, intuição, solicitude.

A narrativa requer um acesso à história, à cultura, aos sentimentos, desejos, valores, oportunidades. Mas obedece a uma interpretação nunca acabada e sempre retomável. Esta depende da elaboração até o presente momento. É o uso da estrutura cognitiva. Esta narrativa está ligada à identidade *idem* e à identidade *ipse*. Leva em conta toda a estrutura da pessoa como se pôde ver acima: sua dimensão física, psíquica, espiritual; seu afeto, inteligência e vontade; seu relacionamento, seus sucessos e dificuldades, as opções realizadas, os desejos e ideais que motivam e tantas coisas mais. Considera os fatos reais e as construções da fantasia e da ficção, tanto para os indivíduos quanto para os grupos. Hoje se precisa descobrir mais e mais a unidade entre os fatos e sua contextualização. As narrativas também revelam a visão antropológica e psicológica que anima as pessoas e os grupos. Pode acentuar muito alguns aspectos e omitir outros, pode depender mais do grupo ou menos, pode revelar a satisfação pessoal e a vida realizada como vida boa com e pelos outros em instituições justas.

A narrativa tem esta finalidade de compreensão da realidade passada e orientar para um futuro com mais sentido. As emoções e sentimentos são mais momentâneos e, como tal, não fazem conexões entre os fatos. O sentimento geral – como alegria, tristeza, depressão – podem indicar uma continuidade, mas não necessariamente uma compreensão. Em geral é a inteligência e a memória que realizam a conexão entre os fatos. Os sentimentos e hoje estão carregados de memórias passadas e de fatos que nem sempre estão presentes conscientemente. Se sentimentos podem representar rupturas, a inteligência – através da memória – realiza a continuidade.

⁴ Veja-se, para tal: Paul Ricoeur em: *Temps et Récit; Soi-même come un autre; Parcours de la Reconnaissance*. Em Português: Tempo e narrativa; O si mesmo como um outro; Percurso do Reconhecimento.

Fatos isolados, mesmo com consequências na emoção geral e nos sintomas, eles não salientam a continuidade e o sentido. É a pré-figuração. A inteligência os liga, mas ainda não se elaborou o sentido e a complexidade da continuidade para o conjunto da pessoa. Por isso é importante narrar, como forma de dar estrutura e ordem no que aconteceu, estabelecendo formas de continuidade. É a configuração. A própria pessoa constrói a si mesma dando-se conta de que ela é protagonista de tudo o que foi narrado e acontecido. Ela se reconhecendo nesta narrativa começa a lançar luz sobre si mesma e sobre seu projeto de vida. A narrativa interpretada configura o acontecido. Se esta narrativa é partilhada com outras pessoas que também narram, tudo fica mais significativo ainda. Constatamos semelhanças e diferenças que ajudam a compreender os sentimentos sobre si e sobre os outros. Esta partilha tem repercussão no julgamento de si, na comparação que se realiza, nos processos identificatórios e em tantos aspectos. Não é que com isso a realidade mude, mas a interpretação muda a compreensão de si, dos outros, dos grupos. Com isso se abre a porta para outro sentido de vida. É a re-figuração.

Por isso, cada narrativa desencadeia processos de crescimento, outra forma de interpretação. Se for partilhada, aprendemos sobre nós e sobre os demais e se coloca mais objetividade na vida própria e dos grupos. A Leitura Orante é uma saudável prática de narrativa. A própria narrativa corresponde a um desejo humano de se comunicar e ser compreendido.

3. DINÂMICA E PASSOS DO CRESCIMENTO INTEGRAL

Algum tipo de mudança e de crescimento sempre acontece. Precisamos pensar naquilo que poderá ser um obstáculo ou um conteúdo que retarda o crescimento, colocando uma diferença indevida entre idade física, psíquica e espiritual. Esta defasagem, em geral, se coloca mais no campo afetivo. Temos pouca autonomia para controlar o crescimento físico. Mas podemos ser objeto de interferências psíquicas e espirituais colocados por nós mesmos ou pelo contexto e que criam este desencontro harmonioso.

Um verdadeiro crescimento precisa influenciar fortemente a estrutura cognitiva. A estrutura cognitiva significa uma visão da vida, o conjunto de motivações, ideais, valores, sentimentos, emoções... que caracterizam a pessoa e que interferem em suas opções de cada dia ou nas opções mais gerais de sua vida.

Fala-se em crescimento porque se trata de um itinerário que se refere aos aspectos a desenvolver e fazer crescer e também a aspectos a melhorar que retardam ou bloqueiam o crescimento. Fala-se em crescimento integral porque precisa interferir em todos os aspectos antropológicos importantes da pessoa e dos grupos. A estrutura cognitiva necessariamente precisa considerar estes aspectos todos e desenvolvê-los segundo a verdade, o bem, a beleza e o amor, e manifestá-lo segundo a idade, opção

de estado de vida, e segundo o contexto social. A verdade, o bem, o belo e o amor são os transcendentais e expressam o grau mais elevado de transcendência⁵.

Considero que estes passos são sequenciais, ou seja, um deve seguir ao anterior e realizá-lo depois que o anterior estiver bem realizado. O efeito positivo ou sucesso do seguinte vai depender da qualidade do precedente.

a) - **ESQUECIMENTO PARA MEMÓRIA** – memória para **compreensão**

- **A memória e o esquecimento.** Métodos e importância, conexões

Já falamos que não há esquecimento total na vida da pessoa. Podemos não nos lembrar dos fatos, mas temos conhecimento das consequências na forma de sentimentos, predisposições, traços físicos e assim por diante. Além disso, através de bons métodos técnicos podemos ter acesso aos dados passados, o que significa que não ficaram destruídos, mas estão numa das partes da memória.

Se desejarmos conhecer o que sucedeu precisamos encontrar uma forma de ter acesso ao passado. Nós somos o resultado e uma continuação do passado. Assim como organizamos o que vivemos, como o interpretamos assim somos hoje. A identidade narrativa facilita este acesso. Diálogos significativos com pessoas que nos conhecem. Igualmente pessoas especializadas em interpretar a estrutura humana e a história podem ser de grande utilidade. Para tal podemos servir-nos de nosso hoje, do que somos e sentimos e queremos. Em seguida olhar para o passado e tentar saber onde nos baseamos para nos organizarmos como somos. Para tal requer-se muita sinceridade e honestidade. Seguimos a estrutura da personalidade, a psicodinâmica, pelo caminho do mais conhecido ao menos conhecido: iniciamos pelos comportamentos externos saudáveis ou menos saudáveis; depois, por nossos sentimentos e emoções; por nossos desejos, valores; nossos mecanismos defensivos; depois para sentimentos e desejos e motivações mais profundas que dizem respeito à autoestima e autorespeito.

Neste olhar progressivo olhamos as interferências de outras circunstâncias, instituições e pessoas. Tomamos como referência a estrutura como seres humanos, com diferentes níveis, potencialidades... a partir da dialética do amor/desamor. Com tudo isso podemos conhecer o que aconteceu conosco, como reagimos, como somos hoje.

b) - **COMPREENSÃO**: de si, dos outros, do contexto

Terapeutas muitas vezes falam que o primeiro objetivo da terapia é ajudar a pessoa a conhecer-se, e o segundo, é ajudar a pessoa a aceitar-se⁶. Mas entre conhecer-se e aceitar-se há um passo importante: a pessoa precisa compreender o que aconteceu. A compreensão leva em consideração as circunstâncias predisponentes, o contexto, as motivações e as razões que as pessoas tiveram ao entrar em contato conosco. Compreender a cultura, os valores, a situação econômica, o contexto imediato

⁵ Aqui é bom, também, recordar as três auto-transcendências explicitadas por João Batista Mondin, *Antropologia Teológica*: auto transcendência egocêntrica, filantrópico-social, teocêntrica.

⁶ Os objetivos da terapia podem ser resumidos em quatro: a) ajudar a pessoa a conhecer-se; b) ajudar a pessoa a aceitar-se; c) ajudar a pessoa a encontrar sentido teleológico para sua vida; d) ajudar a pessoa a optar por eles com alegria e satisfação e paz.

e tantas outras questões. Compreender é ter acesso ao interior profundo das pessoas e dos grupos que interagem conosco. Sem esta compreensão permanecemos no comportamento externo e reagimos a partir dele e também interpretamos a partir do que vemos. Todos temos ideais e expectativas que precisam ser compreendidos. Uma compreensão mais ampla facilita relativizar fatos, facilita avaliar a energia usada em relação ao passado. A compreensão também ajuda a abrir mão de certos sentimentos negativos por serem resultado de interpretações parciais. Esta compreensão avalia os limites, as perdas. Prepara a disposição de separação daquilo que nos fere e nos dá certo vazio existencial, pois está baseada em uma parte da realidade e não em toda realidade.

Quando há uma boa e ampla memória acompanhada de boa compreensão abre-se o campo para um amor gratuito. Compreendendo podemos amar e perdoar. Há uma continuidade em tudo e é preciso também retomar de tempos em tempos em algum aspecto ou no conjunto da pessoa.

c) - COMPREENSÃO PARA RECONCILIAÇÃO – reconciliação para **pacificação**.

- **Reconciliação**, distanciamento, compreensão, luto, separação, **celebração**

A compreensão dispõe e convida a uma avaliação objetiva e sincera de nossas avaliações do passado e nossos sentimentos em relação a pessoas, a grupos e a instituições. A constatação de possíveis equívocos nos conduz a uma realidade e atitude de reconciliação. Reconciliação significa abrir mão de interpretações equivocadas e consequências em nossa vida. Boa compreensão leva a constatar que as pessoas em geral querem fazer o bem e que em seu interior profundo querem amar e ser amadas. Seus ferimentos passados podem dificultar a capacidade de amar e explicam os ferimentos que causam em outros. Assim, este 'cair em si' é um processo de abrir mão de sentimentos, de ideias, de convicções que nos ferem e que, em parte, são pouco verdadeiros. Assim se inicia o processo de 'luto', de separação do passado que já não existe, de pessoas que já são diferentes, de situações que foram e que podem ser compreendidos diversamente. É preciso deixar de gastar energia em algo que já passou, sejam pessoas, situações, trabalhos, locais, experiências, etapas da vida... Reconciliação com a história e a cultura, com a instituição. Esta reconciliação é mais fácil se a compreensão tiver sido ampla. Esta reconciliação é de pouca durabilidade se a compreensão do agir próprio e o de outros for superficial.

A compreensão também nos coloca em contato com uma realidade positiva, um amor recebido, um acompanhamento amoroso, um cuidado e outras tantas formas. A compreensão desta intencionalidade positiva provoca um desejo de gratidão e de celebração. Assim, em vez de reconciliação incluímos a celebração do bem, da verdade, do amor que faz parte de nós. A celebração atinge a cultura, os antepassados, os próximos e tantos outros. A misericórdia depende da capacidade de amar e da compreensão e diálogo que se estabelece diante da realidade passada em relação a pessoas e grupos.

d)- PACIFICAÇÃO E MEMÓRIA FELIZ

O último passo desse conteúdo e processo sequencial de crescimento integral consiste na passagem da reconciliação à memória pacificada ou feliz. Pacificada quando integramos os conteúdos negativos e chegamos a bom termo a recuperação de sua memória, na compreensão e na reconciliação. Este desejo de pacificação é intenso e é o ponto culminante de um processo de reconciliação. “A paz esteja convosco” é o grande desejo dirigido por Jesus aos Apóstolos. É o que ainda hoje desejamos no profundo de nosso coração a nós e a todos os que amamos ou ainda não amamos bastante.

É uma memória feliz quando podemos ler, com agradecimento e reconhecimento, a cadeia de amor que está dentro de cada um desde a concepção até hoje, incluindo as oportunidades, a vocação, a fé, a congregação, a família e as oportunidades que nos foram oferecidas. A felicidade, como a reconciliação, é um ponto de chegada de um processo positivo de crescimento. Paz e alegria (felicidade) são os anseios humanos mais profundos. Mas ambos requerem um processo sequencial de crescimento.

Este processo de crescimento integral precisa ser feito em profundidade ao menos uma vez na vida. Mas precisa ser também retomado. Experiências boas não retomadas se enfraquecem e morrem. Se não chegamos à memória reconciliada e/ou feliz precisamos rever o processo percorrido, nossas resistências e dificuldades de nível psíquico e/ou espiritual. Tudo é um processo que dura toda a vida, mas que se deseja que tenha êxito.